

Cartas do Padre Luís Castelo Branco ao seu amigo Padre José Maria de Araújo Calheiros



Cadernos Culturais
Câmara Municipal de Vila Real



21



Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: Cartas do Padre Luís Castelo Branco ao seu amigo Padre José Maria de Araújo Calheiros

Introdução e notas de João Cunha

Na capa: Padre Luís Castelo Branco (1885-1973), desenho de Amândio Silva

Caderno Cultural n.º 21, IV Série

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, 18 de Julho de 2019

Tiragem: 300 exemplares

Depósito Legal: 458221/19

Composto e impresso: Minerva Transmontana, Tipografia, Lda. — Vila Real

Cartas
do Padre Luís Castelo Branco
ao seu amigo Padre José Maria
de Araújo Calheiros

Introdução e notas de João Cunha



Introdução

Depois de saírem da EN 2 para Vilarinho da Samardã, os peregrinos que trilham o Caminho Português do Interior para Santiago de Compostela encontram uma imponente árvore: é o Eucalipto do Padre Luís Castelo Branco; foi plantado pelo ilustre pregador, muito próximo da casa onde ele e o irmão, Padre António, nasceram e morreram e onde, entre 1839 e 1841, residiu Camilo Castelo Branco, seu tio-avô. (Não confundir este Padre António [Castelo Branco] com o Padre António de Azevedo, irmão do marido de Carolina Castelo Branco, que viveu naquela casa duas gerações antes e teve papel importante na educação do jovem Camilo Castelo Branco.)

Camilo acompanhou a Irmã Carolina e o marido quando casaram e foram residir na casa do Padre António de Azevedo, irmão do cunhado. O Padre António foi seu mestre de solfejo, francês e dos clássicos; o Escritor dedicou-lhe *O Bem e o Mal* em cujo rosto escreveu: «Sou aquele a quem o Padre António disse: – O tempo há-de fazer de você alguma cousa». Ao alto das escadas, uma lápide de pedra recorda outra frase de Camilo: «... onde passei os primeiros e únicos anos felizes da minha mocidade».

Luís Augusto de Azevedo Castelo Branco nasceu em 29 de Novembro de 1884. Foi o primeiro filho de Luísa Maria, uma das mais novas descendentes de Carolina, a Irmã de Camilo. Fez estudos preparatórios no colégio de



Padre Luís Castelo Branco

Felgueiras e, a seguir, o curso teológico no Seminário Conciliar de Braga. Terminado o curso, enquanto não atingiu a idade canónica para ser ordenado, foi prefeito e professor no Seminário de Santo António, também em Braga. Ordenado em 1907, foi pároco da sua terra natal até 1910; mais tarde foi nomeado professor do Seminário de Vila Real, que começou a funcionar em 1930, ministrando as disciplinas de Ascética e Mística, Civilidade e Oratória.

Foi um dos mais insígnos oradores sacros da sua época. A distinção do porte, a força da voz e a eloquência da palavra tornaram memoráveis as conferências e sermões que proferiu por todo o país e mesmo no Brasil. Expressava-se com facilidade e elegância, mas com ímpetos arrebatadores. De sólida cultura teológica e bom conhecedor das Sagradas Escrituras e da tradição apostólica, as suas exposições eram fundamentadas com propósito e rigor. Júlio Vaz, na sua obra *Bernardo Chousal* (Braga, 1974), quando lembra grandes oradores célebres na sua época, sobre o padre Luís refere: «Parece-nos, no entanto, que no púlpito o grande, na plena aceção da palavra, o orador sacro, o homem eloquente da reação, foi o Padre Luís Augusto Azevedo Castelo Branco». Residia na casa de Samardã, com o irmão António, pároco da aldeia, mas viajava por todo o país, com frequência e por longos períodos, para onde o convidavam a pregar. Mesmo já em idade muito avançada, embora fisicamente cansado, manteve o vigor intelectual e boa voz, e ainda pregou poucos meses antes de ter falecido, em 6 de Março de 1973.

Não se calou no período anticlerical da transição para a Primeira República. Para não ser detido, teve de se refugiar temporariamente, em Espanha. Por influência de seus tios, Conselheiros José e António Azevedo Castelo Branco, pôde regressar sem que o molestassem.

Recusou honrarias e lugares de relevo na hierarquia eclesiástica e na política. Chegou a ser convidado pessoalmente por Salazar para deputado por Vila Real. Agradeceu, mas, delicadamente, rejeitou o convite. Durante toda a sua longa vida quis ser unicamente um

padre, que no púlpito exercia o seu ministério. Pregou nas grandes catedrais e em ermidas de aldeias perdidas na serra; pregou para grandes vultos eclesiásticos, para influentes personalidades e para gente analfabeta e humilde; todos compreendiam a mensagem e se maravilhavam com a eloquência das suas palavras.

João de Araújo Correia, Ilustre escritor transmontano, dedicado camilianista e amigo do Padre Luís, na sua obra *Pontos Finais* (Régua, 1975), estabelece curioso paralelismo entre Camilo e o sobrinho, na ironia, no génio, no feito irrequeto.

Não era homem de escrita; os seus sermões perderam-se porque não os escreveu e ninguém os escreveu por ele. O único trabalho escrito que localizámos foi publicado no *Boletim da Casa de Camilo*, n.º 5/6 da 1ª Série – 1965), com o título “Judiciosa intervenção de Camilo num conflito político-religioso”, sobre um episódio ocorrido quando faleceu o Rei D. Luís, durante as solenes exéquias.

• • • • •



Casa de Quintão

No arquivo da Casa de Quintão, em Refoios do Lima (Ponte do Lima), existe um lote de 18 cartas, quase todas com o respetivo envelope, e um postal com a fotografia da casa de Vilarinho da Samardã enviados pelo Padre Luís para o seu grande amigo e antigo colega do Seminário Conciliar de Braga, Padre José Maria de Araújo Calheiros. Quase todas as cartas são enviadas de Vilarinho da Samardã. Também existem alguns apontamentos e velhas agendas em que o Padre José Maria se refere ao velho amigo.

Tal era ainda a sua intensa atividade aos 80 anos que, na última carta, de Janeiro de 1965, escrita do Redondo – Alentejo, diz que, nos dias seguintes, ainda passará por Lisboa e Coimbra, antes de regressar a Samardã.

Algumas cartas abordam assuntos como o falecimento do tio, Conselheiro António de Azevedo Castelo Branco, jurista, escritor e político influente, agraciado com vários títulos e condecorações nacionais e estrangeiras; outra, o falecimento do Visconde de Cortegaça, amigo comum e com ligações a Vila Real. Contudo, a maioria das cartas, quase sempre datadas do início de cada ano, recordam um jantar ocorrido na Casa de Quintão em 5 de Janeiro de 1907; terá sido a ceia da Consoada do Dia de Reis em que, além



Padre José Maria
de Araújo Calheiros

dos dois amigos e de outros colegas, estiveram os pais e tios do Padre José Maria. Apesar da imparável atividade e do seu aspeto robusto, algumas cartas relatam episódios de doença, de sofrimento e de fragilidade física.

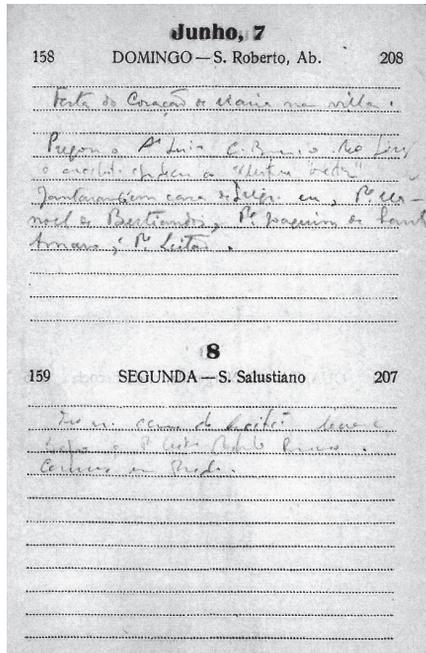
O Padre José Maria era filho de lavradores prósperos e com vários clérigos em anteriores gerações da família. Estudou nos Seminários de Braga e foi colega do Padre Luís no Seminário Conciliar; depois de ordenado, em 1906, foi pároco da sua terra natal e das freguesias vizinhas (Calheiros e Brandara).

Sempre residiu na casa de Quintão, de onde administrava a extensa quinta que a rodeava, em que produzia vinho, cereais e gado. No período de transição para a República, foi incansável ativista político e secretário da Comissão Dirigente do Partido Nacionalista, em Ponte do Lima. Correspondia-se com personalidades notáveis na literatura, arte e história e colaborava em diversas publicações ligadas a essas temáticas e também em periódicos, locais e nacionais, divulgando a história e cultura do Alto Minho e comentando temas políticos e sociais. Com alguns amigos, conhecidos intelectuais da época, fundou “Os Amigos do Rio Lima”, que se notabilizou por vasta produção literária. Foi membro do Instituto Histórico do Minho, onde colaborou em trabalhos arqueológicos e proferiu algumas conferências. Possuía uma vasta biblioteca, onde a Camiliana tinha lugar destacado.

A Casa de Quintão, fundada por antepassados do Padre José Maria em meados do Séc. XVIII, continua na família e é agora de uma sobrinha-neta – Cândida Maria Araújo Calheiros Cunha. Pelo menos no último século não sofreu significativas alterações, nem na traça do imóvel ou na sua decoração, nem nas tradições dos residentes, sobretudo em dias festivos.

Com certeza que a ceia de 5 de Janeiro de 1907 foi servida na ampla cozinha, que continua pavimentada com lajes de granito, com uma enorme dala de pedra de parede a parede e, do outro lado, a aconchegada lareira, sob a chaminé também a toda a largura do espaço. A ementa também terá sido semelhante à atual: o bacalhau cozido com couve-galega e batatas, regado com azeite de cebolada, terá sido precedido de uma entrada de polvo à bordalesa (confeccionado com polvo seco); à sobremesa serviram-se rabanadas, mexidos, compota e bolinhos fritos de chila, e sopas de vinho. O vinho, verde branco ou tinto, da última colheita, era da adega da casa, à qual se acedia por um alçapão (que ainda existe, mas não está funcional...). No fim do repasto,

o café moído na hora e um digestivo, provavelmente vinho do Porto ou aguardente do alambique da casa. Pela noite dentro terá aparecido um grupo de cantares das Janeiras, que a todos divertiram com os seus versos, personalizados para cada um dos presentes.



Folha de uma agenda do Padre José Maria de Araújo Calheiros

A voz do Padre Luís Castelo Branco também foi ouvida nos púlpitos da Ribeira Lima. Uma carta de 3 de Janeiro de 1936 refere que irá pregar em Ponte do Lima em 31 de Maio e, numa agenda do Padre José Maria, em 7 de Junho de 1914 lê-se: «Festa do Coração de Maria na Vila; pregou o Padre Luís Castelo Branco; no fim o Arcipreste agradeceu ao ilustre orador» (tinha apenas 30 anos, mas já merecia o tratamento de “ilustre orador”...); outra agenda também refere ter pregado em Refoios, na Festa de Pentecostes de 1912. Sempre que ia pregar para os lados de Ponte

do Lima ficava na casa do seu amigo. Uma sobrinha do Padre José Maria, Idalina Calheiros, que o ajudava quando já era idoso e estava cego e lhe sucedeu na propriedade da Casa de Quintão, lembrava-se de um almoço em que foram convidados o Padre Luís e o Dr. Arieiro (Professor do Seminário Conciliar). Sobre o Padre Luís, recordava a sua delicadeza, a voz forte e a clareza, assim como ainda se lembrava de episódios ocorridos muitas dezenas de anos atrás, quando ambos estudavam em Braga; também se recordava de que ele lhe pediu para ir à biblioteca buscar *No Bom Jesus do Monte*, de Camilo, e de ter lido, no II capítulo, o episódio em que, perto de 150 anos antes, seu tio-avô passou ali ao lado, com a irmã Carolina e a criada Carlota Joaquina, na agitada viagem de Lisboa para Vila Real. Não existe memória de que o Escritor tenha regressado alguma vez a Ponte do Lima.



Mosteiro de Santa Maria de Refóios do Lima, 1957
(o quarto da fila do meio, a contar da esquerda, é o Padre José Maria de Araújo Calheiros;
o primeiro da direita, sentado na primeira fila, é o Padre Luís Castelo Branco)

O Padre José Maria morreu em 1965, com 83 anos. Só saía de casa para o jardim. Apaixonado por flores, era especialmente dedicado aos crisântemos, que tratava com conhecimento e carinho e, embora cego, reconhecia pelo tacto as diversas variedades. Passava as tardes com a sobrinha Idalina que lhe lia a correspondência, jornais e livros, e a quem ditava as cartas e trabalhos que escrevia.

O Padre Luís Castelo Branco sobreviveu-lhe alguns anos, ativo até ao fim. O eucalipto de Vilarinho da Samardã, com evidentes marcas da longevidade, lá continua a marcar e a paisagem e a oferecer a sua refrescante sombra aos peregrinos para Santiago de Compostela.

João Cunha

Viana, Abril de 2018

Cartas do Padre Luís Castelo Branco ao seu amigo Padre José Maria de Araújo Calheiros

Felgueiras 31-12-06

Padre João e Exm.^o amigo

Já por vezes tenho querido escrever-lhe porém só hoje pude dispor destes momentos, para fazer o que talvez por si já ha muito seria esperado, não é verdade?

Recebi a sua carta que agradeço e como n'ella me diz convir-lhe a minha ida na sexta-feira, estou prompto para isso; devo pois partir d'aqui para Braga na quinta-feira e ás duas horas da tarde de sexta-feira saho de Braga esperando bem que em Ponte do Lima esteja alguém d'ahi, pois que, como lhe disse, nada conheço por esses sítios.

No sabado teremos ahi occasião de fazer algumas combinações acerca do assumpto que desejo ver tratado¹.

Desculpe-me a brevidade com que lhe escrevo o que tem uma causa grave.

Sempre ás suas ordens o todo seu amigo e humilde criado.

Luiz de Castello Branco

¹ Provável alusão à missa nova do Padre José Maria de Araújo Calheiros, que viria a ser celebrada em 6 de Janeiro de 1907, e na qual o Padre Luís Castelo Branco esteve presente.

Seminario de S.^{to} Antonio

12-1-07

Meu bom e Ex.^{mo} Amigo

Verdade é que tenho sido um pouco incorreto em não lhe ter escripto, apenas aqui cheguei, porém, pode crer, a isso me obrigaram varios e urgentes negocios que [ilegível] me appareceram; portanto faça-o hoje e ainda vou a tempo, não é verdade?

Então como se tem dado com o seu novo estado? Ao meio do Santo Sacrificio não mais [ilegível] com a illuminação d'armador?

Não imagina as saudades que trouxe de Refojos, achei isso muito bonito só tive pena de ahi entrar e sahir de noute; e muito. Tudo muito me agradou sobretudo a hospedagem com que sua Ex.^{ma} Famillia me mimoseou, pelo que lhe estou muito grato; sendo pois o fim principal d'esta carta manifestar-lhe o meu agradecimento.

Peço apresente os meus cumprimentos a seus Ex.^{mos} Padrinhos e creia na estima que lhe dedica este seu humilde amigo.

Luiz Augusto d'Azevedo Castello Branco

[Na mesma folha, segue outra carta:]

Caro Calheiros:

Depois de ter esta carta escripta entregou-me o Sr. Padre Portella a que o meu amigo se dignou escrever-me; muito obrigado por ella e por tudo que n'ella me diz.

A viagem não me custou tanto quanto esperava, pois que a manhã não estava fria; e fomos recebidos no Seminario com toda a placidez, pois que o [ilegível] não disse a menor coisa. O [ilegível] agradece e recommenda-se tambem. Conheço bem os Irmãos de que me falla, apesar de já ha muito os não ter visto.

Nada mais, meu caro amigo, pois estou com extraordinaria pressa; desculpe-me a sem-cerimonia d'esta carta; pois que o modo como vae escripta é um verdadeiro abuso. Recommende-me a seus Ex.^{mos} Padrinhos e seus Paes e ao Ex.^{mo} Prior, os quaes eu tornarei a ver quando ahi for pregar a outra missa nova.

Venha até Braga [ilegível] pois que farei muito gosto em ve-lo e assim matar as saudades que me deixou a sua missa pois que foi uma festa tão sympathica; e até tenho saudades das taes coisas doces, lembra-se?

Muitas saudades e um abraço do todo seu

Castello Branco

Braga – 9-6-07

Meu bom e Ex.^{mo} Amigo:

Se possível me fora, em vez d'esta carta que vou escrever-lhe, iria eu pessoalmente a Refojos, não para ter o gosto de ve-lo, mas para lhe ralhar muito, muito, muito!

Creia que o procedimento do meu bom amigo confundiu-me e incommodou extraordinariamente, e em verdade não era tão excusado o seu modo de proceder? Para mim já tinha sido recompensa assaz valiosa o gosto que tive de assistir á sua festa, que tão gratas impressões me deixou, acrescentando ainda o bom tracto e carinho com que ahi me tractaram, sobretudo seu bondoso Padrinho. Dispensava-se perfeitamente que após o incommodo que ahi dei e os sinceros offerecimentos que ahi me fizeram se estivessem a incommodar tanto.

Só hontem é que o Duarte me entregou tudo pois que sexta-feira estive ausente e devido a isso é que só hoje escrevo e ao mesmo tempo que lhe manifesto quanto sinto o terem-se incommodado tanto, agradeço muito reconhecido e deveras confundido o valioso presente com que o meu Ex.^{mo} Amigo e seus bondosos Padrinhos, a quem agradecido beijo as mãos, se dignaram mimosear-me; muito e muito obrigado.

Se na 5.^a feira passada soubesse que o meu amigo aqui não vinha, teria eu ido procura-lo para lhe dizer o que queria para ahi, o que como pode imaginar se resumia tudo em cumprimentos assaz sinceros.

Apresente os meus cumprimentos aos seus Ex.^{mos} Padrinhos e Ex.^{mos} Senhores Reitor e Arcipreste e creia no seu sincero amigo que o abraça affectuosamente.

Luiz Augusto d'Azevedo Castello Branco

Meu bom Amigo

Passou o dia seis e apesar de nem ao menos um cartão lhe escrever, não deixaram de ter verdadeira repercussão no meu coração e no meu espirito, todas as scenas que na sua casa de verdadeiro amigo, se passaram no saudoso dia de Reis de 1907. São dos taes dias, meu Amigo, que passam ligeiros como o vento e não têm repetição. Como me recordo de tudo, até das coisas mais simples, puras banalidades!

No meio de tanta alegria, como havia de eu suppor, que uma tão grande serie d'amarguras me esperava ao entrar na triste realidade da vida. Como então a minha vida era expansiva alegria e hoje vivo ralado de desgostos. Se a memoria de dias passados entre amigos é um balsamo que consola, a saudade d'essas tão breves horas é uma dor pungentissima que acabrunha. Meu Amigo, a sua primeira missa, a distinção com que me tractou e a bondade com que seus Ex.^{mos} Padrinhos me acolheram, ficaram-me bem gravadas no meu coração, pode crel-o.

Tem razão de dizer que ha muito lhe não escrevi, pois actualmente escrevo poucas vezes, faltando até ao dever, o que não se deve julgar falta de amizade ou menos consideração, mas antes ser atribuído a este abatimento moral que ha tanto tempo me domina.

Agradeço-lhe muito o seu convite, tantas vezes repetido, d'ahi voltar; desejo-o ardentemente, farei por não perder a occasião quando esta me seja favoravel, cuja demora, no entanto, não deve impedir que o meu Amigo, podendo, aqui appareça, para ter uma ideia do que é Traz-os-Montes que tambem tem suas belezas e encantos. Conhece-me bem, como bem deve ver a sinceridade com que lhe peço assim uma visita.

Apresente os meus respeitos a suas Ex.^{mos} Padrinhos e abraça-o affectuosamente o todo seu

Linha do Córigo² – Samardã – 16-1-13

Luiz de Castello Branco

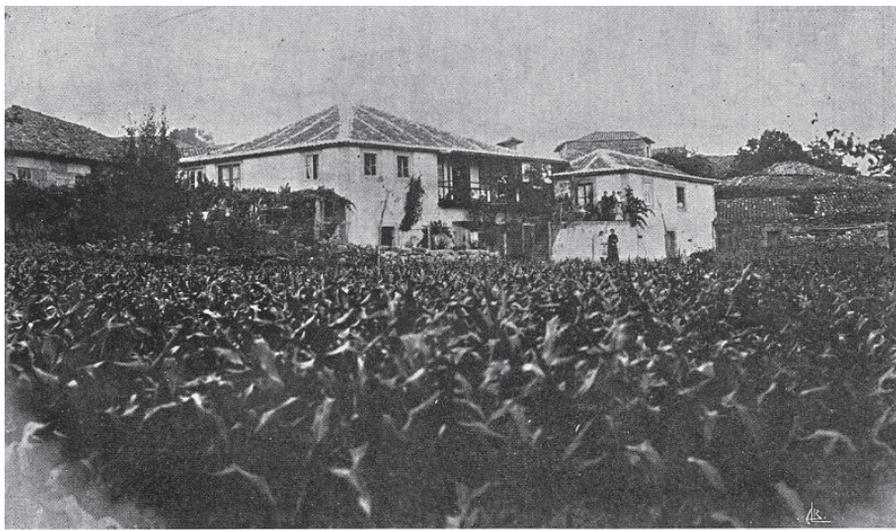
² Note-se a acentuação gráfica da palavra 'Córigo', que reflecte a maneira como é pronunciada na região.

[bilhete postal]

Meu querido Amigo

Envio-lhe os meus cumprimentos e bem assim a seu Ex.^{mo} Tio e Famillia, desejando-lhes muito boas festas. Está a chegar o dia seis de Janeiro de tão saudosa recordação e vae este postal fazer-lhe ver que não hei esquecido esse dia nem a si, meu bom Amigo.

Luiz Castello Branco



SAMARDÃ—Casa onde foi educado Camillo Castello Branco

27.12.13



Meu Amigo

O dia de amanhã não pode passar sem que me lembre, com saudades vivíssimas, da sua festa³, um dos melhores dias da minha vida, e se no ceu ainda Deus nos permittir a continuação da consciencia da vida temporal, nem lá passará o dia dos Reis sem que me recorde de Refojos do Lima! Que saudades, meu Amigo! Quantas, quantas vezes lenitivo as [sic] agruras do presente, fazendo-me adormecer para me obrigar a viver do passado.

Hoje nada mais lhe direi porque a falta de saude, ha já algumas semanas, me tem roubado completamente as forças e só com difficuldade escrevo.

Muitos cumprimentos aos seus e abraça-o o todo seu

Luis Castello Branco

Samardã – Linha do Córgo

5-1-15

³ Refere-se à comemoração da já referida missa nova do Padre José Maria de Araújo Calheiros, em 6 de Janeiro de 1907.

Meu caro Amigo

Só hoje venho agradecer-lhe o seu amabilissimo telegramma e a parte que tomou na nossa dor, porque apesar de terem passado já bastantes dias, após o terrivel desastre havido na minha familia⁴, ainda mal tenho coragem para escrever.

A perda foi incalculável porque meu tio, não obstante os tempos que vão correndo, tinha ainda em si toda a força moral do distrito e era admirado e respeitado por toda a nação; d'isso lhe deu sobejas provas o novo regime, em todas as situações, sem que elle jamais maculasse a sua dignidade.

Aquella carta⁵ dirigida ao P. da Republica em outubro ultimo que apenas a escrevera para agradecer varios e longos telegrammas e mais amabilidades desmesuradas do Bernardino⁶, apenas em additamento o felicitava e essa carta vae para a imprensa mutilada, deturpada, etc. Escreveu-a do leito no hospital.

Nada mais, meu Amigo, abraça-o affectuosamente o todo seu

Samardã – 19-1-16

Castello Branco

4 Refere-se ao falecimento em 5 de Janeiro de 1916, na sua Casa da Timpeira, Vila Real, do conselheiro António de Azevedo Castelo Branco, tio do Padre Luís Castelo Branco.

5 Deve tratar-se de uma carta de circunstância dirigida pelo conselheiro António de Azevedo Castelo Branco ao presidente da República, Bernardino Machado, gesto que terá sido mal recebido em alguns círculos monárquicos.

6 Bernardino Machado, presidente da República à data do falecimento de António de Azevedo Castelo Branco.

Meu mt.º caro Amigo

Mesmo sem lhe ter escrito, nunca passei o dia de Reis sem mt.º pensar em si e reproduzir na minha imaginação e com fundas saudades, tudo que se passou, em Refojos, há 29 anos! Por isso a sua carta que mt.º tardiamente me chegou às mãos e que mt.º lhe agradeço, nada me veio recordar; está tudo mt.º fresco na minha memória e mais ainda no meu coração.

Como o tempo, qual leão indomito, tanto devastou [sic] e arrastou na sua voragem!

Quando se chega a uma certa idade, a gente, cansada de lutar, sente-se acabrunhada com o peso das saudades e estas geram um frio, semelhante ao frio da velhice, que é parente próximo do frio da morte. E eu já o vou sentindo quando me isolo no segredo do meu íntimo.

Mas deixando isto que ensombra [?] a tristeza, falemos antes num possível encontro. É provável que passe o dia 31 de Maio em Ponte do Lima e então é fácil ter o prazer de o abraçar, pois não será sacrifício de maior descer à capital, não é verdade? Irei lá pregar n'uma festa de conclusão do mez de Maio, se Deus não mandar o contrário.

Reiterando-lhe o meu agradecimento pela sua carta amiga e com um grande abraço me confesso seu amigo

Luis Castello Branco

Samardã – 31-1-36



18
Meu mt.º com Jesus

Mesmo sem lhe ter escrito, nunca fe-
rei o dia q' hei sem mt.º para ex-
ni e reproduzir no meu imaginacões e com fendas can-
do, tudo me a pensar, ex Jesus, de 23 ans! Por in-
o me conta me mt.º verdadeiramente, me depois os mto
e me mt.º de agradecer, nada me veio recordar,
só tudo mt.º preso no meu memoria, mas
ainda os meu coracões. Com o tempo, por ter
indomito, vou te lembrar e anotar no meo cor-
são! Quarta a coisa o como carta idada, a gente,
concordo de laozos, senti-a acabando com 5 pe-

das saudades e estas foram um furo, semelhante ao furo do
velho, e os parentes próximos do furo da morte. E eu
já não sentia mais quando me isola no seque de meu
intimo. Mas deixarei isto em exemplo a todos,
sabemos que não haverá encontro. E permaneci
na terra o dia 31 de Maio em Porto de Lima e en-
tos, facturas de 5 pesos de 5 abacos, pois não
seia suficiente de maior e mais o capital, não é verdade.
Dei lá fazer a uma foto de saudades do tempo de Paris,
e logo não meida o encontro.

Restando-lhe o meu reconhecimento pelo seu carta amig
e com um grande abraço em conju-
to com
seu amig

31.1.26

Lombão - 31.1.26

Luiz Cordeiro Gomes

Meu caro Amigo

Com o meu melhor abraço, venho reiterar-lhe o meu grande reconhecimento pela sua amizade de que me deu admiráveis provas, na minha recente ida ahi.

Só lamento que eu ahi fosse em tão limitado espaço de tempo e em estado tão exaustivo.

Peço-lhe que apresente a seu Ex.^{mo} Primo, a quem desejo rapidas melhoras, os meus cumprimentos, acompanhados do meu mt.^o reconhecimento pelo incomodo que teve comigo. Bem lamento que tal trabalho talvez lhe agravasse o seu estado e diga-lhe ainda que mt.^o desejo que tenha esquecido a linda ladainha que me foi ouvindo pelo caminho.

Com a amizade de sempre e com mt.^{os} cump. abraça-o afectuosamente o seu mt.^o grato

Lisboa – Praça do Rio de Janeiro 25 – 1.^o
2-6-36

Luiz Castello Branco

Meu carissimo Padre Araujo Calheiros

Abraço-o longa, mt.^o longamente, em agradecimento á sua carta tão amiga, que teve a delicadeza e amabilidade de me escrever, não para me lembrar; a minha memoria, graças a Deus, está vivissima, nunca foi melhor, mas para me fazer ver que se lembra de quem n'esta altura sempre o recorda, com viva saudade. Cincoenta anos se escoaram tão rapidamente, desapareceram aos nossos olhos, mas não ao nosso coração, mt.^{os} que ahi estiveram e atravez da minha imaginação, clara como as manhãs de Junho, perpassa, como num filme, tudo que ahi se deu e se disse, desde a tarde de 5 de Janeiro, até á meia noite do dia 6, fora o que d'ahi sahi: Eu ainda não era padre, discuti, na tarde de 5, com o Paroco de Refojos, na comparação da beleza dos montes, que pareciam papelões recortados, como ele dizia, do encantador vale do Lima, com as negras e agrestes montanhas de Traz-os-Montes. Eu não discutia por convicção, só por bairrismo. Deus me perdoe tanta mentira, que disse. Ouvi missa no seu oratório privado, celebrando-a o Padre cosinheiro, que me ensinou e preparar as galantinas. Houve fogo na igreja, durante o sermão; no banquete ouviu-se um brinde de um colega, que nos estarreceu, como um ronco do Vesuvio. Etc. etc. Que saudades... e já lá vae meio seculo! Tudo passou, menos o amor, que tendo por vida a eternidade, não envelhece, nem tem idades e fazendo do amigo “*Dimidium animae meae*”⁷ as pessoas amigas fazem parte do nosso ser, portanto estão presentes tambem. Enquanto vivermos, elas não morrem de todo. Estamos juntos no tempo e no espaço.

Só duas vezes logrei a alegria de voltar a sua casa e ambas mt.^o rapidamente, o meu Amigo porem é que começou a anunciar-se ha quarenta e tantos anos e nunca apareceu.

⁷ Citação das *Odes* de Horácio, significando ‘metade da minha alma’.

Eu vou pouco para esses lados, a minha mercadoria não tem venda por essas terras⁸, de modo que só nos temos encontrado nos anos a que também podemos chamar santos.

Creia que o meu prazer de o ver por aqui será mt.^o grande, como ahi lhe disse, na última visita. O mesmo disse também ao Padre Araujo, ha um ano, em Viana, quando me disse que tencionava acompanhá-lo aqui. A viagem no verão não é difícil.

Agora uma coisa que me interessa: um amigo meu disse-me ha pouco tempo, que lhe parecia ter lido uma noticia pouco agradável acerca da saúde do Visconde de Cortegaça⁹. Ainda disse mais, mas com enorme duvida, motivo por que não me atrevi a escrever para perguntar. Caso a noticia não tenha fundamento, o meu Amigo nada me dirá, se por ventura algo se tiver dado, era favor dizer-m'ó mesmo n'um postal.

Não sei se a sua secretária¹⁰ será capaz de interpretar os meus hieróglifos, cada vez mais extravagantes, até estou com ideia de ir frequentar um curso de adultos, para que os meus amigos não inutilizem as cartas antes de as ler, isto é, sem as ler.

Como o abraço do principio da carta já arrefeceu, tão longa ela vae, envio-lhe outro tão comprido como o rio Lima e tão quente como o sol africano, confessando-me tão grato, como devedor

L. Castello Branco

Sua casa em Samardã – 5-1-57

⁸ Modo gracioso de o Padre Luís Castello Branco se referir à sua actividade de pregador.

⁹ António de Magalhães Barros de Araújo de Queirós (1882-1961), 2.^o visconde de Cortegaça.

¹⁰ Nesta altura, o Padre José Maria de Araújo Calheiros encontrava-se já cego e a correspondência era-lhe lida por uma familiar, a sobrinha Idalina Calheiros.

Meu carissimo Padre Araujo Calheiros

Estou a escrever-lhe justamente á mesma hora, em que, ha 51 anos, estavamos sentados á sua meza, em altissimo grau de alegria, que “a fortuna não deixa durar muito”¹¹. Tudo recordo, até as mais insignificantes minucias. E aquelas ótimas galantines, confeccionadas por um nosso colega e regadas pelo rico Espumoso! Tudo aumentava a alegria. Mas, como diz na sua apreciavel carta, que hoje recebi e tanto estimei, já la vae mais de meio seculo! O tempo passar, não é o pior; o pior é nós passarmos tambem, como passaram as nossas esperanças, os nossos sonhos, enfim tudo o que constituiu a nossa mocidade. As grandes desilusões, a amargura, que por vezes se sorve até se ter tedio á vida, faz-nos ver, á saciedade, que quando se é moço, o desconhecimento do mundo é completo e tudo que então nos parecia cor de rosa, pouco e pouco, se torna, plumbeo, cinzento, chegando á escuridão. No entanto que grande lenitivo se sente ao pensarmos que, n’essa vida que se escoou, houve horas de verdadeira alegria, em que nos sentimos felizes, embora enganados, porque n’este mundo tudo é vaidade, como disse o sabio¹².

Enfim deixemos isso e abafemos as paixões e bebamos um bom espumoso á saude do que lá vae.

Quantas vezes me tem dito que desejava visitar a cartuxa da Samardã?! E afinal nunca se resolve. O projecto que apresenta, aproveitando a companhia de seu Primo, é ótimo. Porque o não realisa? Combine lá isso e, vindo a primavera, satisfaça esse desejo, com que me dá enorme prazer. O que diz d’esta casa, não é bem assim. É uma casa grande de traça irregular e pouco vulgar, mas não passa de uma casa simples, própria de aldeia.

¹¹ Citação de Camões (episódio de Inês de Castro, n’ *Os Lusíadas*).

¹² Citação do *Eclesiastes*, um dos livros sapienciais do Antigo Testamento, atribuído a Salomão.

Estava fechada ha 60 anos e quis vir viver para aqui, com a ancia de ter uma vida pacata e isolada, mas quanto me enganei!

Pense, resolva e comunique, na certeza de que muito júbilo sentiria, vendo-o aqui.

Abraça-o longamente e com a velha amizade de sempre

Luiz

Samardã,

6-1-58



Meu caríssimo Sr. Fracisco Calhoun

Estou a escrever-lhe justamente, o mesmo
hora, em que, ha 51 annos, estiveram sentados

o seu mesa, em attenção p'ou de alguma, que
a fortuna nos deixa d'uma mt. Tudo recordo, até as
mais insignificantes minucias. E opeles últimas zelatinas
confecionadas por um novo colega e regadas p'ou via Frac-
mos! Tudo aumentava o alívio. Mas, como disse ao
sua apuciarul conto, p'ou hoje recebi e tanto estimei, fê-
lo' me mais de meo reculo. O tempo passou, não i' o p'ou,
o p'ou i' não passamos também, como passarem os nomes
esperanças, os nomes sonhos, enfim tudo p'ou comotido
a minha mocidade. As grandes desiluzões, a amargu-
ra, p'ou por meses se come até de ter visto a vida, p'ou as
mes, a sociedade, p'ou p'ou e i' moço, e encontrá-las.
Do do mundo i' completo i' tudo p'ou entre as p'oução con

de rosa, foux e foux, a Roma, plumbeo, clarants, abejando
i escuridad. No contente un grand sentimente a senti se pu
sentir, pu, a' uno vido, pu a' exocai, haur bon de resideria
abeyo, en pu nos sentimes plix, embora enjand, por pu
a' i' i' m'and' t'ad' i' v'aidat, com' d'uno o' r'abie.

Empin deixemos viso i abofemos a f'axos i bebemos un
hom' espumoso i' sande de pu la' uat.

Quentes n'ces, m' ter d'it' pu d'ejero v'at' a' cert'ano
da' d'omado?! F' ap'nd' n'nce a' reserpe. O' p'p'ito' m'
ap'resento, ap'rovidando a' comp'at'ia de seu p'it'is, i' d'it'ano.
Por pu o' n'ao' real'ia? Com' h'ic' ja' imo i' v'ind' o' p'it'ano
n'ra, satisf'oca em' d'ejepi, com' pu m' da' m'oume p'p'ra.

O' pu d'iz' d' i' d'ito' cosa, n'ao' i' hom' am'ia. E' uma' cosa' grand'
de' traça' irregular' i' pouco' n'essa, m' n'ao' p'ra' de' como
cosa' simple, p'prio' de' ab'cia. F' i' t'ano' f'ot'ada' da' 60
anos' e' ja' m' m' m' m' p'ra' ap'ri, com' o' a'nc'ia' de' f'et, um' m'
do' f'acato' e' i' d'it'ada, m'os' p'uant' em' exp'onei'!

P'ra'x, v'ent'na' e' com'cur'ip'ra, no' cert'oso' pu' m' f'ub'ito.
sent'ina, n'endo' o' ap'ri. Ab'aco' o' f'aj'ement' e' com' o'
n'essa' am'ip'ra' de' sempre

Mis

Dep'ndo
6-4-10

Meu caríssimo Zé Maria

Há dias que pensava em lhe escrever, porque a festa do [?] Magos tem uma tal ligação consigo, que mais parece uma Sociedade Reis Magos e Araujo Calheiros, Limitada, mas como esperava carta sua, pensei em esperar a ver o que me dizia, para assim mais propriamente lhe falar. Afinal nada de novo me traz, o seu coração só vê que a festa que nos aproximava, cada vez fica mais distante; a maior parte dos que tanto o festejaram, mt.^o se riram e comeram á farta coisas mt.^o boas, já se sumiu da face da Terra, e poucos somos já os que por cá peregrinamos, a recordar o que se escoou na voragem do tempo e a curtir saudades de tantos que já não podem matar-no-las. Já ninguém fica para nos lembrar a nós, connosco acaba a memoria da sua festa. O melhor é começarmos a recordal-a todos os mezes, em cada dia 6. Ainda queria tornar a surpreendel-o ahi para o abraçar, mas ando mt.^o arredio desse rincão e não vejo maneira de passar por ahi perto e o meu Amigo, não obstante as suas promessas, nunca apareceu, com tanto pezar meu. Tive mt.^a pena do Sr. Visconde, que era meu amigo de verdade. A Sr.^a D. Maria Rita enviou-me ha dias uma memoria piedosa do Irmão, mas não me falava na sua doença, que é bastante penosa.

Recebi ontem carta do Zé Mendes, que me diz estar bem, apenas tropego das pernas. O Domingos da Silva Braga, que ha anos estava tambem no Estado de S. Paulo, faleceu no outono, bastante doente vivia ele e apenas amparado por uma preta. Pouco feliz. O Armando Tito Domingues, que voltou do Brasil, escreveu-me tambem ha dias. Foi matar saudades do Rio de Janeiro. Não sei se sabe que o Padre Gonçalves, da [ilegível], quando tudo estava preparado para a celebração das suas bodas d'ouro, faleceu. O Pregador, ao chegar, perguntou, onde está o Padre Gonçalves? Responderam-lhe já está na igreja. Quando entrou para o abraçar, vê-o morto, depositado realmente na igreja. Isto deu-se ha anos. Está lá um sobrinho,

tambem sacerdote. O Padre João Martins, grande proprietário de Faiões, vive ainda. Faleceu de desastre o Padre Manuel Rodrigues Vieira; o Padre António Augusto Martins, tambem já faleceu, ha anos. Vive o meu condiscipulo Teixeira de Faria, graças a uma familia da Regua, que o acolheu e tracta mt.º bem. Vive tambem o Progressista. É o que resta do antigo testamento. S. Paulo está mt.º progressivo materialmente, quanto a catolicismo, é tolerável nas terras pequenas. Traz os Montes está em plena decadencia, devido á má preparação dos Seminarios. Acabou o relatorio porque acabou o papel.

Abraço-o longa, mt.º longamente

Castello Branco

Vilº da Samardã – 6-1-61

Meu carissimo Amigo

Deve ter suposto o que se deu, a sua carta não me encontrou em casa e, como é costume, teve de esperar o meu regresso, que foi ontem á noite. Para mais, tenho de seguir viagem já depois de amanhã para Amarante, de lá para Coimbra, depois Évora, Lisboa e finalmente Aveiro e assim se escoará o resto d'este mez e grande parte do outro. Estimei a sua carta, pela certeza que me trouxe de que estava bem. Por cá vae-se indo, tentando derrubar os males, antes que eles nos lancem por terra.

O Zé Mendes, em carta recebida ha semanas, dizia-me que recebera carta sua, que lhe dera mt.^o prazer e que em breve lhe ia responder. Ele está bastante caído e agora tem um coadjutor porque lhe custa a andar. Só se queixa das pernas. Isto quando eu lá estive.

Quanto ao seu empenho, relativo ao Sr. Visconde de Cortegaça¹³, bem minguadas eram as minhas relações com ele; não estivemos mais de 4 ou 5 vezes, um com o outro. Que poderia eu portanto dizer ou escrever? Só coisas futeis, porque desconheço toda a sua vida, nem o seu nome sei. A minha recusa seria certa; a si não me atrevo. Atendendo á falta de tempo, lida a sua carta, comecei a escrever, com a intenção de não passar de uma duzia de linhas, mas fui escrevendo, talvez coisas frivolas e, pouco a pouco, vejo 4 paginas. Se as lesse, de certeza as rasgava; como não tenho tempo para escrever outra coisa, elas ahi vão. Mande-as ler com vagar, se vir que não têm geito, inutilize-as, ou pelo menos corte o que entender, reduza como lhe parecer, aproveite um só periodo ou outro. Em dois dias que

¹³ Deve tratar-se de um pedido do Padre Araújo Calheiros ao Padre Luís Castelo Branco para escrever uma nota, a publicar no jornal *Cardeal Saraiva*, sobre o 2.^o Visconde de Cortegaça, falecido em 19 de Junho de 1961.

aqui estou e com a vida, n'esta altura, tão enredada em trabalhos
nem tempo tenho para pensar. Faça dos papeis o que entender.
Abraça-o longamente

Luiz Castello Branco

Vilarinho da Samardã – 23-5-61

Meu Amigo

N'esta solidão da cartuxa, em que felizmente me encontro, ha oito dias, fui agora mesmo alertado pela sua carta, que agradeço. Vejo que o cartão, que ha dias lhe enviei, não foi bem lido, devido talvez á pessima caligrafia. Dizia justamente o contrario do que o meu Amigo afirma ter ouvido. Entre a correspondência que me esperava aqui, no meu regresso de Lisboa, estava um exemplar do "O Cardeal Saraiva" datado de 30 de Junho, onde se lia um agradecimento da familia do Sr. Visconde de Cortegaça, ao Director do jornal e como só encontrei esse numero, lembrei-me de que fora remessa sua e que certamente me teria enviado o numero de homenagem ao Sr. Visconde, mas que não encontrei, ou porque não o enviaram, ou se extraviou. Na hipotese de o ter enviado, suponho que esperaria uma palavra minha de apreciação e o meu cartão era apenas a explicação de o não ter feito, já que o não recebi. É que a recepção do numero, em que vinha o agradecimento da familia, levou-me a imaginar que tambem me teriam enviado o numero da homenagem, e que o meu Amigo esperaria alguma apreciação minha. O celebre Padre Ernesto, um dos meus melhores amigos, com quem me encontro mt.^{as} vezes, ainda ha pouco tempo aqui me apareceu com o tal Padre Azevedo de Averomar e passaram cá grande parte da noite, já que no dia immediato tinham de estar na Povia. – O endereço d'ele é – Padre Ernesto Silverio da Conceição Ferreira – Rua de António Graça 148 A – Povia de Varzim. É um grande amigo, possuidor de dignissimo character. Ainda ontem lhe escrevi.

Agora a Senhora sua leitora que ponha uns oculos de boas lentes, a ver se consegue transmitir-lhe o meu pensamento, tal qual o deixo exarado n'estes gatafunhos.

Deus lhe dê saúde e boa disposição para viver com alegria e com afectuosas lembranças, abraça-o longamente

Luiz

Vilarinho da Samardã – 14-7-61

Meu carissimo Amigo

Regressei aqui ante-ontem, porque tive necessidade de vir ao norte e aqui encontrei a sua carta amiga, de 5 de Janeiro, chegando cá ontem a ultima de 22, que “de grand coeur” lhe agradeço.

Quanto a meu irmão, doente já ha bastante tempo, embora fizesse a sua vida habitual, com pequena diferença, teve uma gravissima crise em 23 de Dezembro, esteve em coma varias vezes e quantas o julguei plenamente agonico. Com os tractamentos modernos tem reagido, vae vivendo, mt.^{as} vezes inconsciente e sempre em estado grave. Estacionario, por mt.^o, por pouco tempo? Não sei, apenas sei que não ha esperanças de melhora, infelizmente. É um infortunio que teremos de aceitar.

Meu Amigo, “oremus pro invicem”¹⁴ já que todos temos tanto que penar.

Quanto a nós, não vejo momento azado para tornar abraça-lo fisicamente, pois o meu Amigo nunca por cá aparece e eu tambem, ha mt.^o, não vou para essas paragens.

Mas esperemos, a ver se aparece uma surpresa.

Meu caro Amigo abraça-o longa e affectuosamente

Luiz

Vil. da Samardã

24-1-62

P.S. Recebi o numero de O Cardeal Saraiva¹⁵, que me enviou ultimamente e gostei dos artigos que tanto, tão bem exaltavam o nosso saudoso Amigo Sr. Visconde de Cortegaça.

¹⁴ Antiga saudação latina, significando ‘oremus uns pelos outros’.

¹⁵ *Cardeal Saraiva* foi um semanário que se publicou em Ponte do Lima entre 1910 e 2017.

Queridissimo Senhor Padre Araujo Calheiros

A sua tão prezada e esperada carta ultima veiu-me encontrar, em 5 de Janeiro transacto, pronto a seguir viagem para Chaves, com demora. Ainda antes de sair pude escrever-lhe um cartão a agradecer a sua constante amizade e a prometer que, no meu regresso, escreveria uma carta referente á data¹⁶ que sempre comemoramos tão saudosamente, respondendo á sua.

Afinal demorei mais do que contava e no regresso, além d'uma constipação impertinente e violenta e talvez mal tractada, tenho-me visto enredado em trabalhos taes que, como a promessa feita não vertia sangue, foi sendo adiada, adiada, sem que nunca lhe chegasse a vez. Hoje, 13 de Março, resolvi não passar a noite sem o fazer e note que já passa da meia noite. Desculpe pois a falta e creia que é dos poucos amigos do antigo testamento¹⁷, que nunca, nunca é esquecido.

A sua carta com uma memoria tão moça, cheia de vivacidade, fazia referencia, com uma exactidão impressionante, de todos os pormenores, que acompanharam e surgiram nas vesperas e no dia da sua memoravel e saudosa festa, que deu origem á nossa mutua amizade, que nunca teve fases, nem eclipses. Nada me lembrou com tudo o que descreveu, porque nada absolutamente estava esquecido. Só lhe faltou uma circumstancia: o incenso que houve no altar, quando eu estava a vociferar e perturbou por momentos o auditorio. Com certeza não esqueceu isso. E dois padres, irmãos, de certa idade, que lá estavam, um alto e outro baixo, um com o nariz mt.º comprido e o outro com ele mt.º curto. Houve engano nas medidas, ao talha-los. Já ha mt.º devem estar concertados, porque já devem estar “chez le Pere eternal”. E as ricas galantinas feitas pelo

¹⁶ A data de 6 de Janeiro de 1907, festa de Missa Nova do Padre Araújo Calheiros.

¹⁷ O Padre Luís Castelo Branco refere-se, mais que uma vez, ao antigo testamento (sem maiúsculas), denominação graciosa aplicada, ao que julgamos, à sua geração do Seminário.

Padre cozinheiro! Só com o lembra-las, até me apetece uma pinga, se bem que se passam mezes sem que eu prove vinho. E já lá vão 57 anos! E tantos que já partiram e nós que temos ficado, vamos assim morrendo aos pouquinhos, amargurados com as saudades e não sei o que será melhor, se acabar morrendo, se morrer sem acabar.

Perdoe que me metesse n'este assunto, pois precisamos mais de calmantes do que excitantes. Na semana passada, fomos prendados com um novo bispo Auxiliar, que é da archidiocese de Braga, natural de Guimarães e Vice Reitor do Seminário Teológico, D.^{or} Xavier Monteiro¹⁸. Que seja bem vindo, mas mal ele saberá o que o espera. Esta Diocese foi mt. infeliz na escolha dos seus primeiros Bispos¹⁹, de modo que precisa de remodelação completa, e não é com o auxiliar que essa tarefa é fácil. Tudo isto me faz mt.^a pena, mas “Deus super omnia” como diz o saragoçano²⁰.

Na proxima 2.^a feira, 16, sigo para o Porto, estarei tambem uns dias em Coimbra, irei vociferar durante a Semana Santa, na Diocese de Portalegre, ou antes, Castelo Branco e regressarei aqui depois dos ovos da Pascoa.

Bem pena tenho de Refojos não estar n'uma curva dos caminhos que piso, porque teria ocasião de, embora á maneira de aerolito, o ir ver e abraçar.

Agradeça por mim a quem lhe ler esta carta, pois não pouco trabalho terá para desvincelhar estes hieroglifos.

Com a velha estima abraço-o longa, mt.^o longamente.

Vilarinho da Samardã – 13, ou antes já 14-3-62

Luiz Castello Branco

¹⁸ António de Castro Xavier Monteiro (1919-2000), bispo coadjutor de Vila Real entre 22 de Fevereiro de 1964 e 3 de Fevereiro de 1966.

¹⁹ D. João Evangelista de Lima Vidal e D. António Valente da Fonseca.

²⁰ Referência à divisa dos famosos Almanagues Saragoçanos.

Meu carissimo Amigo Padre Araujo Calheiros

Agradeço a sua carta amiga, que me veio encontrar no Redondo, Alentejo, onde tenho passado esta semana. Contra o costume, a sua carta foi reexpedida para aqui e em boa hora. Agradeço reconhecidissimo a ternura com que acompanhou a desolação que sofremos com a grave doença de meu irmão²¹, que, como era de esperar, o victimou. Faleceu na manhã de 6 de Fevereiro transacto: Nada lhe comuniquei, como o não fiz a ninguém. Não admira que o não soubesse, porque minha cunhada e filho não quizeram que a imprensa de Lisboa fizesse referencia ao caso e, conquanto eu não aprovasse de inicio tal attitude, dei-lhes depois razão, em face do labirinto de pessoas que houve n'aquela casa, não obstante o silêncio havido. Só para a missa do 7.º dia é que utilizamos a imprensa, para os convites. Na imprensa do Porto nada se notificou. D'esta forma não era facil saber-se. Como bem pode calcular, foi para nós um desgosto enorme, porque todos nós o estimavamos e consideravamos mt.º, por ser o mais velho e pelas peregrinas qualidades de que fora dotado.

Como nada me diz da sua saude, suponho que continua sem novidade. Deus permita que assim seja. Fez-me pena o que me diz do Padre Araujo, pois conquanto algo “espirra canivetes” é bom colega e bom amigo. Estive ainda ha pouco com o Ernesto, grande Amigo e lá continua na Povoia, luctando para viver.

Na proxima 2.^a-feira sigo para Lisboa, passarei depois por Coimbra e tenciono ir terminar a semana proxima em Vilarinho da

²¹ Dr. Albano de Azevedo Castelo Branco, médico, que vivia em Lisboa e aí faleceu. O Padre Luís tinha ainda dois outros irmãos: o Padre António, que parouquiava Vilarinho da Samardã, e Francisco.

Samardã, onde demorarei uns 12 dias.

Com a amizade de sempre, abraça-o longa, mt.º longamente

Luiz Castello Branco

Redondo – 7-6-62

Meu caríssimo Senhor Padre Araujo Calheiros

No dia 5, tendo bem presente o que ha 58 anos se passou em Refojos do Lima, pensei em lhe escrever, mas tendo a certeza de que viria carta sua, a que teria de responder, resolvi esperar que a sua viesse. Demorou ela mais do que eu supunha, devido ao mau endereço que trazia. Actualmente o correio não é feito pelo comboio do Corgo, como era antigamente, mas sim pela auto-ambulancia postal: que percorre as estradas trasmontanas, deixando mala em todas as aldeias. Ora Samardã é uma aldeola abandonada na serra e na mala de lá seguiu a carta do meu Amigo, por ser dirigida apenas para Samardã e os empregados do correio, sem duvida, não repararam no meu nome, motivo por que chegou, devolvida, apenas hoje, 9. Aqui, onde vivo é – Vilarinho da Samardã e o endereço unico, sem mais nada, é o que vae no verso do envelope.

Agora vamos ao nosso caso: Tão radicada ficou na sua e minha alma a festa da sua 1.^a missa, que nem o tempo, que voa celere, nem a idade, que nos vae acabrunhando, são capazes de apagar. Tudo recordo, até a minha teimosia com o seu Abade, dizendo eu que os montes, que circundam o vale de Aguiar, eram mais belos do que os d'ahi, que ele dizia parecerem papelões recortados a capricho. [ilegível] sempre lembram os dois padres irmãos, de certa idade, tendo um nariz de mais e o outro nariz de menos. Não é verdade? Lembram mais os que morreram, pois são bem poucos os que ainda vivem. Preguei em inumeras missas novas, mas a sua é a mais recordada e sempre tem sido falada. Pena é que estejamos tão longe e que eu, que percorro todo o paiz, não me espraie por esses lados, pois seriam bem apreciados esses encontros, embora fugitivos.

Por aqui debatemo-nos com um frio horrivel, só se escapa empoleirados em cima de fogões. O meu Amigo mt. carinhosamente

chama bela a esta aldeia trasmontana. Que exagero o seu! A aldeia é montanhosa e feia. Quando resolvi vir habitar n'esta casa, fechada ha 60 anos, até se espalhou que devia estar maluco.

Fala-me o meu Amigo nos Prelados de Vila Real, ora o Auxiliar foi recebido apoteoticamente e todos gostam d'ele, mas por enquanto é uma incognita. O residencial é boa pessoa, mas de acanhado talento, pouco limado. Estimei-o e ajudei-o quanto o possivel; fui professor de Teologia 9 anos, preguei a seu pedido milhentas vezes, prestei-lhe bons serviços, mas por mais que estime um superior, embora com todo o respeito, olho sempre para ele horisontalmente. Todos os meus trabalhos foram absolutamente gratuitos, joguei-me o seu maior credor, mas a dado momento comecei a afastar-me, até que o fiz absolutamente. Nunca houve embate algum, trato-o com todo o respeito, mas sempre afastado, aparecendo raríssimas vezes. Em 29 de Novembro, promovida pelo Auxiliar, fizeram-lhe uma manifestação, pelos seus 80 anos. O Auxiliar resolveu, teimou e venceu que, na grande sessão, em que estiveram 7 Bispos, fosse eu a saudá-lo em nome da Diocese, fiz-lhe ver a inconveniência, teimou, obedeci. Lá fui, perante a expectativa de toda a gente, que conhece bem o porquê do meu afastamento; foi enorme a curiosidade e consegui falar 45 minutos, com toda a dignidade, mas sem a menor louvaminha, nem a menor falta de respeito. E continuo na situação anterior. O seu Prelado, Senhor Arcebispo-Primaz, que há anos esteve aqui umas semanas, convivendo mt.º comigo, pois somos amigos antigos, também cá esteve n'essa homenagem e, como conhecia tudo que comigo se passou, ria-se mt.º.

Conto-lhe estas futilidades para o esclarecer acerca do que lhe contou a Sobrinha do Paroco de Atei.

Não sei se haverá quem lhe leia estes hieroglifos, pois cada vez escrevo pior, sem conseguir emendar-me, ou melhorar.

Para remate, envio-lhe o meu longo e afectuoso abraço, com as mais afectuosas e saudosas lembranças, pedindo a Deus que me permita ainda, n'este mundo, encontrar-me consigo.

Vil.º de Sam.^{dã} 9-1-65

Luiz

